

BRIGA DE GALO

* Roberto Rodrigues

Houve um tampo em que briga de galo era permitida, e Cruz Branca do Meio tinha uma “rinha”, nome dado ao local onde aconteciam os “combates”: uma espécie de arena em torno da qual se espremiavam os donos dos galos, os treinadores e os torcedores apostadores.

Curiosa a paixão que aquilo despertava. Galos que ficavam famosos tinham os filhos disputados a peso de ouro pelos criadores “galistas”, e isto era, às vezes, objeto de brincadeiras um pouco radicais: “fulano está louco atrás de um pinto do sicrano”...

Brincadeira à parte, a rinha era mesmo um centro de explosão. Mesmo ante a violência do espetáculo em que galos perdedores sangravam até à morte, corria dinheiro grande nas apostas, discussões pesadas criavam idiossincrasias, e a disputa entre os criadores gerava até inimizades eternas. Quem vinha de fora e assistia aquilo não tinha três caminhos: ou se envolvia até a medula ou odiava a sangueira.

Quando Presidente, Janio Quadros proibiu a brida de galos e o prefeito do Meio, janista roxo, mandou fechar a rinha. Acabou a festa!

Mas os galistas não se renderam à nova lei e continuaram criando, para preservar suas linhagens de campeões, sempre na esperança de conseguir um super-galo.

Descobriram algumas rinhas clandestinas que sobreviveram à abolição, localizadas em locais distantes. As rinhas ficavam bem escondidas, as autoridades locais faziam vista grossa porque, nos finais de semana, os galistas que vinham de longe acabavam gastando um bom dinheiro em hotéis, restaurantes e até nos puteiros da cidade.

E o “esconderijo” era conhecido apenas pelos interessados. Havia uma a quase 300km do Meio, na vila da Cidadela.

Seu Mimi era o líder dos galistas de Cruz Branca do Meio, tinha uma criação bem organizada no seu sitinho perto da vila, onde passava todas as tardes para treinar os galos. O tratador, um magricela fanático chamado Aristodemo, vivia para aquilo, lixando as esporas e os bicos dos galos para que estas armas fossem sempre mortais. Eram os dois, Mimi e Aristo, cinquentões com 30 anos de rinha nas costas.

Toda sexta-feira depois do almoço punham numa Kombi velha meia dúzia de galos “tinindo de treinados” e se mandavam para Cidadela, de onde voltavam domingo à noite, quase sempre com belos troféus, e algum dinheirinho ganho em apostas ou com a venda de vencedores. Isso foi feito por anos a fio, fielmente acompanhados por outros galistas locais.

Numa destas sextas-feiras, de manhã, dona Xandica, discreta mulher do Mimi, estava no salãozinho da vila, debaixo de um secador de cabelo daqueles que parecem um disco voador, toda enrolada em toalhas, quando duas das mais tradicionais fofoqueiras meienses entraram conversando. Sem perceber a presença de Xandica, falaram dos galistas e, a certa altura, uma delas disse:

- “Imagine, diz que o Mimi ficou noivo em Cidadela e vai até casar com uma rapariga de lá!!! Coitada da mulher dele!”

Dona Xandica nem ouviu o resto da conversa. Afundou mais ainda nos panos, esperou as futriqueiras irem embora e correu para o sítio. Topou lá o Aristo, preparando os galos para a viagem, e foi direta:

- Cumpadre, você é meu amigo de 30 anos e preciso que me diga uma verdade: escutei que o Mimi ficou noivo e vai casar perto da rinha. É verdade? Diga olhando no meu olho”.

O pobre treinador, pego assim de surpresa, não teve escapatória. Olhando para o chão, despachou:

- “Ô cumadre, o seguinte é esse: noivo ele ficou sim, num teve jeito; mas casá, cumadre, pode ficá tranqüila que nós num vai dexá” ...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**